



FELIPE IRIUATÁ / AG A TARO

DADOS Levantamento realizado pela FGV Social mostra queda na média da alegria de viver da população durante a pandemia

● **JANE FERNANDES**
redacao@jornalmassa.com.br

Após conseguir retomar os atendimentos presenciais, a terapeuta holística Ryta Castro, 44 anos, atribui nota 5 ao seu nível de felicidade atual, considerando uma escala de 0 a 10. A mesma pergunta foi respondida pelos participantes da pesquisa Bem-Estar Trabalhista, Felicidade e Pandemia, realizada pela FGV Social no final de 2020 e divulgada na semana passada, com resultado médio de 6,1, o menor registrado na série histórica desde 2006.

Mesmo com índice de felicidade abaixo da média nacional, Ryta conta que nos primeiros meses da pandemia do novo coronavírus, a resposta a essa pergunta seria zero. “Não estava só pensando em mim, eu pensei em muita gente, no barraqueiro, nas pessoas que trabalham na rua... eu via o comércio fechando, as lojas para alugar, então eu fiquei muito, muito triste com tudo que estava acontecendo, sem nenhum sinal de solução”, recorda.

Conforme verificado na pes-

quisa FGV Social, a medida geral de felicidade ou satisfação com a vida caiu de 6,5 em 2019 para 6,1 em 2020, um decréscimo de 0,4 pontos, enquanto essa nota média ficou estacionada em 40 países com os quais o resultado brasileiro foi comparado. A lista inclui países tão diferentes entre si quanto Alemanha, Islândia, China e Zimbábue.

Todo esse cenário impactou a saúde da terapeuta, que passou a apresentar pressão alta, depressão e queda de cabelo, tudo como resultado do estresse intenso. “Sou uma pessoa ativa, não tinha problema nenhum”, ressalta, acrescentando que mesmo comendo até menos do que o habitual, e de forma saudável, ganhou sete quilos. Apesar dos problemas, a adoção dos cuidados preventivos evitou que contraísse Covid-19. Atualmente, ela está vacinada com as duas doses.

O estresse também foi um fator bastante citado pelos participantes do estudo da FGV Social, com 47% de resposta positiva ao questionamento “experimentou estresse ontem?”. O percentual de “sim” foi de 62% quanto ao ter sentido preocupação no dia anterior à pesquisa e de 31% em relação à tristeza. No comparativo, os brasileiros só ficaram abaixo da média dos demais países na pergunta “se divertiu ontem?”, respondida positivamente por 66% dos entrevistados.

Os dados são reforçados pela pesquisa da Hibou (Monitoramento de Mercado de Consumo) realizada no mês passado. No levantamento, 79% dos entrevistados se consideraram estressados e 53% afirmaram

que não conseguiam sentir paz.

Dois terços dos entrevistados admitiram que estão mais impacientes, enquanto 71% dos participantes afirmaram ter deixado de dar risada e 54% informaram que têm chorado mais durante a pandemia.

Um cronograma dá certa sensação de conforto às pessoas, saber que vão ser vacinadas daqui a dois meses”
MARCELO NERI,
PESQUISADOR



Financeiro

Bahia ocupa segundo lugar em queda de rendimentos

A vida pandêmica de Ryta começou a melhorar com a renda obtida a partir da venda das máscaras que começou a confeccionar pensando apenas em uso próprio, pois, até então, ela estava gastando as economias para manter o estúdio fechado. O início de atividades online com amigas colaborou na socialização, incentivando também a realização de alguns atendimentos terapêuticos de forma virtual. A FGV Social aponta

que a Bahia foi o 2º estado com maior queda de renda em 2020, com uma média de 21,58%, considerando todas as classes sociais. A média nacional foi de 11,3%, com valor médio de renda por brasileiro, incluindo desempregados e pessoas fora da idade produtiva, de R\$ 995, marcando o primeiro registro abaixo de mil reais na década. No primeiro trimestre de 2020, portanto antes da pandemia, o valor era R\$ 1.122.

Classes sociais

Vírus agrava desigualdade de satisfação e felicidade

Coordenador da pesquisa Bem-Estar Trabalhista, Felicidade e Pandemia, o professor Marcelo Neri, da FGV Social, destaca que os dados revelam um grande aumento da desigualdade na sensação de felicidade ou satisfação com a vida. Antes da pandemia, a nota média atribuída pelos 20% mais ricos da população foi de 6,8 e o resultado levantado entre outubro e novembro do ano passado foi 6,9.

Os números demonstram que o índice de felicidade entre os brasileiros com maior renda subiu 0,1 mesmo com a crise sanitária, enquanto entre os 40% mais pobres do país, a pandemia provocou uma queda de 0,8 (6,3 para 5,5) no nível de felicidade, considerando uma escala de 0 a 10. Em 2019, a diferença de satisfação com a vida entre os extremos de renda era de 7,9%, subindo para 25,5% em 2020.

